

HALLIDAY E SUA RETÓRICA: POSICIONAMENTOS TEÓRICOS NA LINGUÍSTICA MODERNA

HALLIDAY AND HIS RHETORIC: THEORETICAL APPROACHS IN MODERN LINGUISTICS

Ronaldo de Oliveira Batista
Universidade Presbiteriana Mackenzie
CNPq
ronaldo.obatista@gmail.com

Érico Augusto Caetano da Silva
Universidade Presbiteriana Mackenzie
caetano.eric@gmail.com

RESUMO

Pela perspectiva da Historiografia da Linguística, propõe-se uma análise da retórica empregada por M.A.K. Halliday na década de 1980. Esta narrativa historiográfica segue procedimentos teórico-metodológicos de um quadro sociorretórico de análise e estabelece correlação interpretativa entre fatores discursivos e sociais da retórica de Halliday em busca de legitimação científica de suas ideias linguísticas. Compreende-se, neste texto, a atividade científica como tarefa humana, permeada de atos persuasivos e posicionamentos pessoais, ainda que mascarados pelos rótulos da ciência.

PALAVRAS-CHAVE: Historiografia Linguística, Retórica, Halliday, Funcionalismo

ABSTRACT

From the perspective of the Linguistic Historiography, it is proposed an analysis of M.A.K. Halliday's rhetoric in the 1980s. This historiographic narrative follows theoretical-methodological procedures of an analytical socio-rhetoric frame and establishes interpretative correlation between discursive and social factors of Halliday's rhetoric in search of scientific legitimation of his linguistic ideas. Scientific activity is understood, in this text, as a human task, permeated by persuasive acts and personal positions, although masked by the labels of science.

KEYWORDS: Linguistic Historiography, Rhetoric, Halliday, Functional Grammar

Introdução

Pela perspectiva da Historiografia Linguística (HL), propõe-se uma análise da retórica¹ empregada pelo funcionalista britânico M.A.K. Halliday. Desde os anos 1970, o funcionalista adotava um discurso que pregava ruptura com uma linguística imanente (voltada a uma concepção psicológica ou biológica da linguagem), em defesa de uma ciência ancorada essencialmente na relação entre línguas e sociedade (a partir da qual se privilegiariam o uso e as funções comunicativas na observação analítica).

Para tanto, em primeiro lugar, esclarece-se o que se compreende como retórica em HL e como esta pode ser observada analiticamente. Em seguida, o discurso de Halliday adotado na Introdução de seu livro *An Introduction to Functional Grammar* (1974) é analisado à luz de considerações teórico-metodológicas estabelecidas. Compreende-se, neste artigo, que a ciência é empreendimento humano que envolve associações intelectuais e pertencimentos a grupos teóricos². Uma perspectiva historiográfica que parte dessa premissa deve auxiliar na compreensão dos movimentos de continuidade e descontinuidade que formam a pluralidade teórica e metodológica da linguística moderna no século XX.

¹ Não se entende aqui *retórica* como área de estudos sobre argumentação e persuasão ou figuras de linguagem, tal como proposto, por exemplo, pela Retórica Clássica, Nova Retórica, Retórica Literária; também não se entende *retórica* como técnica do bem falar. O termo é utilizado em um sentido específico, denotando modos de discurso de indivíduos ou grupos que objetivam alcançar efeitos de persuasão por meio de seus enunciados. A abordagem fundadora para a reflexão das retóricas dos linguistas é Murray (1994), que propõe a observação da retórica para uma análise de processos sociais que envolvem práticas científicas. O autor estabelece os conceitos de *retórica de continuidade* e *retórica de ruptura*, que dizem respeito a percepções que grupos teóricos de cientistas têm sobre si mesmos e suas formas de atuação na produção e difusão do conhecimento. Considerar *retórica* como elemento de análise traz como consequência a afirmação de que a ciência e o conhecimento intelectual devem ser situados em um panorama sociológico, pois se entende ciência como produto de uma situação social específica, que pode ser observada nos meios de troca do conhecimento, os quais passam a adquirir valores a serem alcançados ou negados, um capital reconhecido pelas comunidades de pesquisadores e intelectuais.

² “O empreendimento científico é corporativo. [...] Nunca se trata de um único indivíduo que passa sozinho por todas as etapas da cadeia lógico-indutiva, e sim de um grupo de indivíduos que partilham entre si o trabalho mas fiscalizam permanente e zelosamente as contribuições de cada um.” (ZIMAN, 1979, p. 25)

1. A retórica dos linguistas³

Entende-se retórica em HL como uma manifestação linguístico-discursiva de natureza persuasiva de um agente da produção ou recepção de estudos sobre línguas e linguagem, circunscrito a um programa de investigação (SWIGGERS, 2017) e a um grupo teórico (MURRAY, 1994). Essa prática enunciativa se faz por meio de gêneros específicos e de atos de fala que estabelecem rupturas ou continuidades em relação a paradigmas científicos no campo dos estudos da linguagem.

Analisar o papel da retórica na legitimação de ideias linguísticas é tarefa a ser executada a partir de um quadro sociorretórico, por meio do qual se procura investigar os discursos, em busca de convencimento e persuasão, de agentes produtores e receptores de conhecimento inseridos num contexto histórico.

Interessam a esse quadro: compreender como se constrói a legitimidade de um saber por meio do discurso adotado por agentes da produção e recepção de ideias linguísticas; analisar recursos linguísticos e argumentativos utilizados na elaboração de retóricas de ruptura ou de continuidade; interpretar os saberes, e o discurso que veicula esses saberes, em sua circunscrição histórica e social.

Esse quadro sociorretórico determina as seguintes etapas de investigação: a) contextualização da retórica em um domínio histórico e social; b) análise da retórica, que compreende observar: (i) provas e argumentos que sustentam posicionamentos discursivos e estratégias argumentativas empregadas; (ii) a configuração lexical e gramatical da retórica, com a observação da estrutura textual que veicula posicionamentos argumentativos adotados; c) correlação da retórica com seu ambiente de circulação e recepção, seus gêneros de divulgação e modos de interação que estabelece entre sujeitos do discurso retórico e seus interlocutores.

Em termos de circularidade analítica, essas três etapas relacionam fatores internos e externos propostos pelo quadro sociorretórico e permitem interpretações sobre a elaboração, circulação e recepção das retóricas como discursos persuasivos na produção do conhecimento sobre linguagem. Na sequência deste artigo, as três etapas serão empregadas para análise de nosso documento histórico⁴ selecionado.

³ As considerações sobre análise da retórica em HL seguem Batista (2015, 2016, 2017, 2018a, 2018b, 2019).

⁴ Entende-se como documento histórico um texto escrito sobre linguagem em qualquer época.

2. A retórica de Halliday em *An introduction to functional grammar* (1974)

O documento histórico analisado é a Introdução de Halliday em *An Introduction to Functional Grammar*, lançado em 1985 (manual de grande sucesso, como atestam as edições e reimpressões constantes)⁵. O livro apresenta uma teoria funcionalista da linguagem e descreve aspectos da gramática do inglês. A introdução é dividida em 14 partes que apresentam fundamentos teóricos da concepção adotada de gramática (entendida como teoria sobre a língua). Esse texto visava sobretudo oferecer ferramentas para análise textual a partir da concepção sistêmico-funcional de linguagem (ainda que na Introdução Halliday faça a ressalva de que o aspecto sistêmico não foi tratado extensivamente no manual).

A gramática introdutória de Michael Alexander Kirkwood Halliday (1925-2018)⁶ é marco na trajetória histórica dos estudos funcionalistas⁷, e ele é um dos nomes fundamentais quando se trata de um cânone no escopo amplo do que se convencionou reconhecer como programa de investigação da Gramática Funcional⁸. Esse programa apresenta diferentes vertentes e um de seus pólos

⁵ Após a 1a. edição de 1985 (reimpressões em 1985, 1986, 1987, 1988, 1989, 1990, 1991, 1993), Halliday lançou em 1994 a 2a. edição revista. Em 2004, com auxílio e revisão de Christian Matthiessen, Halliday (já professor na Austrália em Sidney) publicou a 3a. edição. Com a mesma parceria (Halliday e Matthiessen, este agora atuante na Universidade de Hong Kong), e com nova nomeação *A Introdução de M.A.K. Halliday à Gramática Funcional* (*Halliday's Introduction to Functional Grammar*), a 4a. edição foi publicada em 2014.

⁶ Linguista da tradição britânica, é reconhecido como o nome principal da Gramática Sistêmico-Funcional (ou Linguística Sistêmico-Funcional). Sua teoria, sob forte influência de J.R. Firth (de quem foi aluno), desenvolveu-se a partir de pesquisas principalmente com a língua inglesa. A linguagem é entendida como sistema de signos imersos na dimensão social, que deve ser considerada na análise linguística, que para ele é sobretudo de caráter social, evidenciado em escolhas linguísticas (para a produção de significados) feitas nos diferentes contextos em que os falantes interagem.

⁷ A gramática de Halliday é resultado de trabalhos apresentados ao público desde a década de 1950 (em trabalhos sobre a gramática do chinês). Na 4. edição de 2014, os autores informam que o manual é resultado de um trabalho iniciado em 1961 com a publicação do artigo “Categories of the theory of grammar” e com os textos sobre a descrição gramatical do inglês.

⁸ Em entrevista a Parret (1974, p. 92), Halliday afirmava reconhecer o termo *funcionalista* para a descrição do tipo de trabalho realizado por ele.

principais de difusão de ideias foram, nas décadas de 1970 e 1980, os países de tradição anglo-saxã⁹.

Como núcleo irradiador das ideias de que a língua é sistema funcional orientado para finalidades, estava o Círculo de Praga, que na década de 1920 se reuniu em torno de Vilém Mathesius (1882-1945)¹⁰, ao qual se associaram Karl Bühler (1879-1963), Nikolai Troubetskoï (1890-1938), Roman Jakobson (1896-1982). Em linha de continuidade histórica com esses pensadores (muitas vezes não em trilha de semelhança teórico-metodológica), estão André Martinet (1908-1999), John Rupert Firth (1890-1960), Louis Hjelmslev (1899-1965) e, já na segunda metade do século XX a constituir de fato um grupo em torno de um programa institucionalizado como funcionalista, Simon Cornelis Dik (1940-1995) e Halliday.

O programa de investigação de um grupo teórico que se reconheceu como centro produtor de pesquisas funcionalistas formulou, em sua constituição histórica e legitimação social no campo da linguística, uma oposição a programas de pesquisa enquadrados no que se pode reconhecer como o campo da Gramática Formal¹¹.

⁹ “[...] é muito difícil um estudo global do que vem sendo chamado *funcionalismo*, especialmente porque as abordagens atuais ditas ‘funcionalistas’ não são, em geral, identificáveis por rótulos teóricos, ligando-se várias delas, apenas aos nomes dos estudiosos que as desenvolveram. Apontei, ainda, que, apesar das reconhecidas diferenças, admite-se a existência de um denominador comum que pode ser rastreado nas diferentes posições existentes, de tal modo que é possível a caracterização básica do que seja uma teoria funcionalista da linguagem.” (NEVES, 1994, p. 109)

¹⁰ “Os princípios de uma gramática funcional estão presentes desde 1909 nos ensinamentos de Mathesius e estão expostos nas teses de Praga. A ideia central é de que a forma é subordinada à função.” (PAVEAU; SARFATI, 2006, p. 138).

¹¹ A oposição formalismo vs. funcionalismo estabelece uma das mais tradicionais controvérsias na história da linguística, como se uma concepção só pudesse se afirmar em contraposição à outra, como aponta Neves (1997, p. 39): “A consideração da existência de um modelo com visão funcionalista da linguagem, isto é, com uma visão da linguagem como entidade não suficiente em si, leva, em primeiro lugar, à contraposição com outro modelo que, diferentemente, examina a linguagem como um objeto autônomo, investigando a estrutura linguística independentemente do uso”. No entanto, uma radical visão de oposição entre escolas linguísticas como estruturalismo, funcionalismo, formalismo deve ser considerada com cautela: “O próprio termo funcionalismo, no que ele permite supor quanto a autonomia dos trabalhos que ele designa e reúne em aproximadamente um século, pode parecer designar uma corrente em si, distinta ou separada do estruturalismo fundador oriundo dos trabalhos de Saussure. Mas as etiquetas em *-ismo* achatam as realidades teóricas, e os dicionários ou as obras de síntese apresentam como distintas – frequentemente por motivos de clareza didática – correntes, na realidade, estreitamente imbricadas tanto nas suas concepções teóricas quanto nas suas filia-

Essa oposição se manifestou em torno de dicotomias como: orientação sintagmática (gramática formal) vs. orientação paradigmática, sem descuidar daquela sintagmática (gramática funcional, daí a abertura para a dimensão textual); concepção de língua como conjunto de estruturas com correlações regulares (gramática formal) vs. língua como rede de relações, sendo que as estruturas são compreendidas como interpretação dessas relações (gramática funcional); ênfase em universais linguísticos, tendo a sintaxe como base (gramática formal) vs. ênfase nas variações entre línguas, tendo a semântica por base (gramática funcional)¹².

Na década de 1960, Halliday filiou-se à escola sistêmico-funcional¹³ ao lado de nomes como R.A. Hudson, constituindo, em Londres, um grupo teórico em um programa com bases epistemológicas e metodológicas definidas. Essa escola viria a se solidificar nos anos seguintes, com expansão de seus domínios em áreas diversas como inteligência artificial, aquisição de linguagem e análise do discurso. Já na década de 1970 o grupo se institucionalizou com mais destaque: em 1974 organizou-se o primeiro workshop em teoria sistêmico-funcional. De lá para cá, eventos anuais, encontros internacionais, publicações especializadas fornecem as evidências de uma abordagem que na década de 1990 contabilizava, segundo o próprio Halliday (1995), mais de mil livros e artigos.

Na década de 1970, Halliday formou com sucesso (medido pelo número de alunos interessados nos cursos) um departamento de linguística na Universidade de Sidney, orientando vários estudantes e firmando diretrizes teóricas de uma comunidade científica dedicada à abordagem funcionalista sistêmico-funcional. Nesse sentido, condições externas (de natureza social) eram favoráveis ao projeto de análise linguística sistêmico-funcional. Havia um líder intelectual e organizacional, figura que se associou à imagem de Halliday e seus esforços

ções: funcionalismo, estruturalismo, formalismo, distribucionalismo não constituem corpos teóricos completos e autônomos, mas correntes imbricadas umas nas outras, ligadas por relações de filiação ou de oposição e por escolhas teóricas complexas” (PAVEAU; SARFATI, 2006, p. 115).

¹² O grupo de especialidade funcionalista privilegia, em termos gerais, os seguintes pontos (considerando que cada vertente explora estes de modos diversos): linguagem como atividade sociocultural; estrutura (maleável) está subordinada a funções comunicativas e cognitivas, sendo portanto não arbitrária; mudança e variação são constantes; o sentido é dependente do contexto; categorias não podem ser definidas discretamente, mas em função do contexto de emprego e função; gramáticas são emergentes; as regras gramaticais permitem exceções.

¹³ Uma teoria sistêmica, segundo Halliday (1985, p. xiv), é uma teoria do significado como escolha, pela qual uma língua, ou outro sistema semiótico, é interpretada como redes de opções restritivas.

em estabelecer estudos funcionalistas em sua atuação como pesquisador e professor na Austrália. Seria de lá, um espaço de produção científica distante dos centros tradicionalmente difusores de ciência (EUA e Europa), que as pesquisas na teoria sistêmico-funcional efetivamente influenciariam outros linguistas a partir da década de 1970. Como resultado desses esforços de Halliday, está, por exemplo, além do seu legado em livros e artigos, a formação da Associação Australiana de Linguística Sistêmico-Funcional (ASFLA).

Em contexto intelectual e científico de filiações e oposições, na década de 1980 a gramática de Halliday era um manual em que se apresentava uma abordagem funcionalista de língua. A perspectiva sociofuncional (incorporação da dimensão social nos estudos linguísticos) foi uma das linhas centrais de seu trabalho, influenciado pelo Círculo de Praga, por Martinet, pela Escola de Londres (em especial Firth – de quem Halliday foi aluno¹⁴), pela Glossemática de Hjelmslev e pelos trabalhos de Sidney M. Lamb (n. 1929)¹⁵.

Essa filiação declarada na Introdução argumentativamente funcionava como estabelecimento de pertencimentos e heranças de prestígio. Uma estratégia argumentativa que apelava para utilização não só do argumento de autoridade (pela recuperação de nomes fundamentais da história da linguística) como também para a presença de um processo argumentativo derivado do valor da pessoa (os méritos individuais de cada linguista citado colaboravam para fortalecer os posicionamentos assumidos por Halliday). Sem dúvida, o valor institucional da ciência se ressaltava pela figura dos “homens” de ciência. Figuras de prestígio, evidenciando a importância da dimensão sociológica na produção e difusão do conhecimento.

A explanação de Halliday sobre a relação entre sistema linguístico e texto nos fornece nomes que estariam na gênese de seu pensamento sobre a linguagem, fazendo parte, portanto, de sua rede de influências:

Linguistas das principais ‘escolas’ funcionalistas europeias – a escola de Praga, os funcionalistas franceses, a escola de Londres, a escola de Copenhague – todos, em diferentes mas relacionadas perspectivas, consideraram o texto como objeto

¹⁴ Em entrevista na década de 1970 (v. PARRET, 1974), Halliday afirmava aceitar de bom grado a caracterização como pupilo de Firth e assumia a filiação indicando ter continuado as ideias do mestre, ainda que em perspectiva diversa.

¹⁵ Em outro trecho de sua introdução, Halliday (1985, p. xxvi) lista suas influências na elaboração da teoria sistêmica. Ele elenca os nomes de Firth, Hjelmslev e as ideias do Círculo de Praga.

da linguística junto com o sistema. A visão deles seria a de que não se pode realmente entender um sem o outro.¹⁶ (HALLIDAY, 1994, p. xxii, tradução nossa)

Foi no discurso da Introdução a sua gramática que Halliday fez a apresentação do seu programa de investigação e o cotejo teórico com uma concepção oposta de compreender a linguagem e seus fenômenos. Halliday reconheceu que uma gramática totalizante de um idioma (em termos de escopo e descrição linguística total) seria uma obra gigantesca, por causa da natureza inexaurível da língua. Essa estratégia argumentativa colocava em pauta a qualidade e quantidade do material trabalhado para responder antecipadamente a críticas sobre a adequação descritiva (expressão em moda nas décadas de 1970-1980, quando Noam Chomsky estabelecia objetivos para sua descrição gramatical). Além de admitir limites, o autor elaborou discursivamente um *ethos* de humildade epistêmica por parte do pesquisador, o que lhe conferia um capital de valor simbólico que contribuía para o efeito de persuasão.¹⁷

Posicionamento semelhante seria adotado por Halliday em entrevistas nas quais era questionado sobre seu papel na história da linguística. Em respostas, como a dada para uma entrevista de 1998 (publicada na revista *DELTA* em 2001), o linguista afirmou que não tinha a pretensão em nenhum momento de fazer teoria. Seu objetivo era a descrição gramatical. No entanto, a ausência de fundamentos teóricos adequados para suas metas de descrição o teria levado à proposição de seu programa de investigação.

Em manifestações desse tipo, encontra-se uma retórica contraditória, na qual a despreensão afirmada aparecia junto com uma constatação da necessidade de uma nova teoria. Aquela criada por ele. Um posicionamento argumentativo, presente em diferentes manifestações discursivas de Halliday, que colocava em operação uma inversão do argumento da ordem: nesses casos,

¹⁶ No original: “Linguists of the main European functional ‘schools’- the Prague school, the French functionalists, the London school, the Copenhagen school – all, in different but related ways, regarded the text as the object of linguistics along with the system. Their view would be that one cannot really understand the one without the other”.

¹⁷ A construção do *ethos* por parte do orador passa pela transmissão de traços positivos e que exprimem confiabilidade. Tal construção constitui um componente na persuasão do público. No caso do reconhecimento da circunscrição da gramática apresentada, o *ethos* é concebido em função da posição institucional do autor, antecipando respostas e expectativas dos destinatários de seu texto. A posição firmada era a de que mesmo uma gramática que pretende dar conta de fenômenos linguísticos não vai conseguir passar de ser um fragmento dos casos possíveis de serem postulados no idioma em questão.

certos saberes que lhe antecediam eram considerados negativamente, abrindo espaço, assim, para que a ruptura se fizesse necessária no âmbito dos estudos sobre a linguagem.

As dicotomias que constituíam o cerne do embate teórico (expressas muito mais por insinuações e pressuposições do que por ataques frontais) foram discutidas em diversas passagens do texto introdutório. O leitor estava diante de uma abordagem funcionalista, em oposição a um viés formalista, no jargão utilizado por Halliday. A forma com que o autor caracterizou o viés formalista de análise linguística serviu para diferenciar-se dele e para delimitar o funcionalismo em caminho promissor.

Em entrevista concedida a Herman Parret (publicada em 1974), Halliday se posicionava contrariamente a uma linguística formal ancorada apenas em um *background* biológico. A necessidade de uma linguística de caráter social estava presente na sua retórica, estabelecendo dissensões e filiações científicas. A construção textual em paralelo evidenciava a compreensão de dois modos distintos de entender a linguagem humana. Implicitamente, uma oposição a toda uma tradição linguística que encontrava na Gramática Gerativa (e sua concepção biológica de linguagem) seu exemplar naquele momento da década de 1980:

Há modas na linguística [...]. A mais recente [Halliday fala da década de 1970] tem sido enfatizar a natureza biológica do ser humano, evidenciando aqueles aspectos em que somos todos semelhantes. Isso precisa ser complementado por referências à natureza cultural do ser humano, apresentando aqueles aspectos em que nós nos diferenciamos. A linguagem expressa tanto a natureza biológica quanto a cultura humana (PARRET, 1974, p. 118, tradução nossa).¹⁸

Para Halliday a gramática funcional que apresentava ao público (estudantes de graduação e pós-graduação, como indicava na Introdução ao propor formas de trabalho com o livro na universidade) procurava oferecer bases teórico-metodológicas de descrição e interpretação do funcionamento da língua inglesa (o que poderia ser estendido a outras línguas). Em termos argumentativos, a gramática se concretizava como um discurso do gênero discursivo do manual.

¹⁸ No original: “There are fashions in linguistics, as I said before. The recent fashion has been to emphasize the biological nature of the human being, bringing out those respects in which we are all alike. This needs to be complemented by reference to the cultural nature of the human being, bringing out those respects in which we may differ. Language expresses both human biology and human culture”.

Essa finalidade em si mesma já conferia ao material um fator positivo de persuasão, ancorado nos valores sociais que são usualmente atribuídos a materiais didáticos e outros afins voltados para o ensino.

Na sua retórica, as sentenças afirmativas declaravam aquilo que poderia ser concebido como universal e inquestionável. Eram características linguísticas de um texto que pretendia persuadir o leitor sobre a validade da iniciativa funcionalista: tempo presente das verdades gerais, ordem preferencialmente direta, linguagem clara, sem excessos de estilo.

Assim, a persuasão, como no fragmento abaixo, se ancorava no efeito da verdade universal, típico dos discursos científicos. A construção linguística elaborada por Halliday evidenciava sua estratégia argumentativa que colocava em ação o argumento da essência: em linguagem que aparentava ser imparcial, afirmava-se a superioridade de uma abordagem científica que melhor representava as buscas por explicações para o funcionamento e uso das línguas.

É [uma gramática funcional] no sentido de que é elaborada para descrever como uma língua é **utilizada**. Todo texto – ou seja, o que é dito ou escrito – se revela em algum contexto de uso; ademais, são os usos da linguagem que, durante milhares de gerações, moldaram o sistema. A linguagem evoluiu para satisfazer necessidades humanas, e a forma com que é organizada é funcional em relação a essas necessidades (HALLIDAY, 1994, p. xiii, tradução nossa).¹⁹

Em diferentes passagens da Introdução, Halliday argumentou ser a abordagem funcionalista mais promissora para descrição linguística, exatamente porque, ao se preocupar com o funcionamento da língua, entendia serem o uso e o significado aspectos essenciais para entender a linguagem humana. Para fortalecer o argumento a favor do funcionalismo, Halliday afirmou que o significado seria construído em função do uso. Esse posicionamento teórico indicava, ao leitor atento, uma falha fundamental do formalismo concorrente.

De fato, a retórica de Halliday no seu texto introdutório caminhou nessa direção, pois a uma afirmação das potencialidades do programa funcionalista, corresponderiam falhas nas abordagens formalistas. No entanto, em grande

¹⁹ No original: “Its functional in the sense that it is designed to account for how the language is **used**. Every text – that is, everything that is said or written – unfolds in some context of use; furthermore, it is the uses of language that, over tens of thousands of generations, have shaped the system. Language has evolved to satisfy human needs; and the way it is organized is functional with respect to these needs”.

parte de seu texto, Halliday não foi direto nesse confronto. Seu discurso sem dúvida apelava para o bom senso e para a capacidade crítica que julgava ideal em seu leitor.

Desse modo, Halliday mobilizava a opinião comum, na qual crenças e representações coletivas alimentam o estoque informativo do público em geral. Se uso real e significado não poderiam ser explicados pelo programa concorrente, então não haveria pontos de acordo entre a pesquisa formalista e a expectativa que a opinião comum talvez possuísse sobre a explicação gramatical. Assim, a verossimilhança do programa concorrente seria afetada negativamente perante o leitor.

Na ênfase no uso da gramática como dispositivo para a interpretação textual estava integrada uma crítica velada a programas de pesquisa que não partilhavam da teoria e das premissas do funcionalismo. Tanto aqueles estudos em sintaxe do programa gerativista, como técnicas de análise empregadas na psicolinguística eram negadas na retórica de Halliday.

Na seção intitulada “gramática e o texto”, Halliday afirmou ser

óbvio que um trabalho exegetico desse tipo, seja ideológico, literário, educacional ou de qualquer outro tipo, é um trabalho de interpretação. Não existe meio de transformar essa tarefa em um algoritmo, de especificar uma série de operações a serem completadas que vão resultar em uma consideração objetiva do texto [...] (HALLIDAY, 1994, p. xvi, tradução nossa).²⁰

Halliday nos dizia implicitamente que qualquer abordagem divergente daquela que ele propunha estaria em caminho equivocado. Em implícitos da retórica do funcionalista, como as expressões lexicais nos evidenciam, está a consideração de que a teoria funcionalista então proposta seria a mais adequada para explicar fenômenos linguísticos. Esse argumento da essência é mobilizado como estratégia argumentativa em articulação com o argumento da qualidade, pois a perspectiva funcionalista se impunha diante de qualquer outra e, assim, assumia a imagem do único e inquestionável em termos qualitativos.

Halliday colocou como premissa da análise gramatical o trabalho interpretativo do texto. As convenções linguísticas foram definidas em função da

²⁰ No original: “It is obvious that an exegetical work of this kind, wther ideological, literary, educational or anything else, is a work of interpretation. There is no way of turning it into al algorithm, of specifying a series of operation to be carried out that will end up with an objective account of the text [...]”.

sua contribuição para a exegese textual, tirando a ênfase do arsenal analítico desenvolvido para examinar sintagmas em sentenças em uso no gerativismo e em outros programas formalistas. Conferiu, assim, destaque aos parâmetros postulados como centrais no programa funcionalista, nomeadamente relacionados à análise de textos. Halliday justificou essa relevância da dimensão textual com a hipótese de que o significado seria produzido por uma cadeia de palavras em construções gramaticais em dimensões textuais. Daí o texto precisar da gramática como nível de análise.

Os passos da argumentação desenvolvida na retórica de Halliday, as premissas estabelecidas e as definições fornecidas fortaleceram a defesa do programa funcionalista. Pode-se ver uma construção geral nos moldes da questão complexa na estratégia argumentativa, porque todos os pressupostos para fazer pesquisa linguística isolavam a tradição formalista como incapaz de responder a certas questões e já implicavam, no nível descritivo exposto pelo autor, as premissas do programa funcionalista, que deveria ser a conclusão da argumentação retórica.

Visto que, se o texto necessitava de um nível gramatical para seu estudo, e como a produção de significado seria feita em construções gramaticais que ultrapassavam a extensão da sentença, então o programa de pesquisa funcionalista, que estuda justamente o nível textual e coloca o sentido como parâmetro norteador de trabalho, seria o programa adequado para pesquisas linguísticas sobre gramática.

Halliday defendeu que a gramática funcional conseguiria atingir uma relação mais satisfatória do que a formal com o estudo dos significados, porque aproximava a pesquisa de um campo aos estudos do outro. Segundo o autor, o modelo esparso de estrutura gramatical, que não empregava constituintes e, assim, se afastava das noções herdeiras do gerativismo, deveria ser formado por categorias:

em particular, por causa de duas características relacionadas: uma porque usa um modelo esparso de estrutura gramatical, em vez de um denso (categorias, não constituintes imediatos [...]), a outra razão é que é uma gramática de ‘escolha’, não uma gramática de ‘cadeia’ (paradigmática, não sintagmática em sua organização conceitual) (HALLIDAY, 1994, p. xix, tradução nossa).²¹

²¹ No original: “[...] in particular, because of two related characteristics: one that it uses a sparse rather than a dense model of grammatical structure (ranks, not immediate constituents [...]), the other that it is a ‘choice’ grammar not a ‘chain’ grammar (paradigmatic not syntagmatic in its conceptual organization)”.

A retórica mobilizava um jogo comparativo que colocava em confronto (para o leitor atento às disputas teóricas entre formalismo e funcionalismo) dois modos distintos de descrição gramatical. A balança pendia para o funcionalismo, naturalmente, cuja abordagem paradigmática era reiteradamente qualificada como superior. Se o discurso não fez uso de um léxico de ataque frontal a outros programas de investigação, a elaboração textual estava (mesmo que não intencionalmente por parte de seu autor) permeada de implícitos que revelavam o teor persuasivo da Introdução à gramática de Halliday.

Essas características e relações postuladas garantiam ao programa funcionalista o traço da naturalidade. A retórica de Halliday se ancorou em uma isotopia que remetia a noções gerais de criatividade e uso linguístico, pois o léxico empregado ressaltava que o funcionalismo se tratava de uma gramática de “escolhas”, não de “cadeias”, e de “paradigmas”, não de “constituintes”. A apresentação da teoria funcionalista dessa forma, enfatizando o que fazia parte da teoria e o que ficava de fora (noções correntes em outros programas de pesquisa eram ignoradas ou substituídas por outras noções), servia para estabelecer oposição a uma tradição de estudos formais, nos quais as noções de constituintes e sintagmas eram conceitos fundamentais.

Em termos de ruptura e descontinuidade com tradições de pesquisa na linguística que lhe era contemporânea, Halliday adotou um tom discursivo que buscou marcar retoricamente a superioridade do programa funcionalista. A crítica sobre o tratamento inadequado da significação na linguagem no programa formalista era reiterado, porque o programa funcionalista aproximaria de maneira expressiva o estudo da gramática ao estudo da semântica:

Uma vez que a relação da gramática com a semântica é neste sentido natural, não arbitrária, e desde que ambas são sistemas puramente abstratos de codificação, como sabemos quando uma termina e a outra começa? A resposta é que não sabemos: não há linha clara entre semântica e gramática, e a gramática funcional é aquela que é pressionada na direção da semântica (HALLIDAY, 1994, p. xix, tradução nossa).²²

²² No original: “Since the relation of grammar to semantics is in this sense natural, not arbitrary, and since both are purely abstract systems of coding, how do we know where the one ends and the other begins? The answer is we don’t: there is no clear line between semantics and grammar, and a functional grammar is one that is pushed in the direction of the semantics”.

Halliday apresentou a teoria das correlações entre classes gramaticais e noções semânticas como inovação teórica e metodológica. Nesse posicionamento retórico estava presente o argumento e o atrativo da novidade conceitual, aliado ao traço da praticidade em sua ênfase por destacar que a gramática funcional era organizada de modo a ajudar o leitor a analisar textos.

Halliday adotou, como dito, uma retórica de não agressão direta em relação a outros programas de investigação da linguística contemporânea a suas ideias. A abordagem foi a do comedimento perante o objeto de estudo e alcance de sua teoria:

No estado presente de conhecimento nós não podemos descrever o sistema semântico de uma língua. Nós podemos dar uma interpretação semântica de um texto, descrever o sistema semântico de um registro restrito, e fornecer uma consideração geral de algumas das características semânticas de uma língua; mas de um jeito ou de outro, estudos semânticos permanecem parciais e específicos (HALLIDAY, 1994, p. xx, tradução nossa).²³

O autor reconheceu os limites, atuais na época de lançamento da obra, e as lacunas existentes na teoria, principalmente em sua dimensão e ênfase semântica. Daí a proposição de uma gramática funcional, e não uma semântica funcional, pois a pesquisa sobre a construção e o uso de significados ainda não estava avançada para tal empreendimento. A cautela remete o leitor a perceber favoravelmente a tentativa do linguista de propor uma gramática diferente e que se declarava inovadora.

A consideração de que não haveria limites entre semântica e gramática incidia diretamente no conhecido posicionamento de teorias estruturalistas (como as de Bloomfield e os primeiros trabalhos de Chomsky) que retiravam da descrição gramatical a relação entre a análise das estruturas e a do significado linguístico. Para o leitor atento, Halliday mantinha sua retórica de ruptura com fundamentos teóricos das abordagens formalistas.

De forma velada, por meio do que seria uma apresentação informativa e objetiva, os programas concorrentes foram apresentados, na retórica de Halliday, de maneira a identificar a tradição formal como antiquada e desconectada

²³ No original: “At the present state of knowledge we cannot yet describe the semantic system of a language. We can give a semantic interpretation of a text, describe the semantic system of a fairly restricted register, and provide a general account of some of the semantic features of a language; but in one way or another semantic studies remain partial and specific”.

da realidade, descendente de teorias remotas ultrapassadas. A tradição formal seria arbitrária na sua caracterização da língua, não natural e não daria conta do estudo do significado.

Ao definir posição no debate com a tradição formalista, a retórica de ruptura com a teoria de Noam Chomsky foi estabelecida. A citação ao linguista gerativista colocava em jogo uma das figuras mais populares da ciência da linguagem do século XX. Figura que na retórica de Halliday era desestabilizada, mesmo diante do grande sucesso que a Gramática Gerativa gozava nas décadas de 1970 e 1980, reconhecida como “uma revolução na linguística contemporânea”. Assim, o funcionalista assumia o lugar, na dinâmica social dos grupos teóricos, da voz dissonante e que clamava por descontinuidade com o programa de investigação de maior sucesso e prestígio em sua época.

Ele parece não ter tido ciência, ou talvez não tivesse interesse, sobre a tradição etnográfica na linguística; sua polêmica foi direcionada unicamente sob aqueles os quais ele estava trabalhando, referidos como ‘estruturalistas’. Por gerativo ele quer dizer explicitamente: escrito de tal forma que não dependa das presunções do leitor mas que possa ser operada como um sistema formal. [...] Mas você tem que pagar um preço: a língua precisa ser tão idealizada tal que ela tenha pouca relação com o que as pessoas realmente escrevem – e ainda menos com o que elas falam. [...] Não houve ‘revolução Chomskiana’, como foi sensacionalmente declarado; mas novas questões foram exploradas, e isso levou a uma mudança de ênfase, nos Estados Unidos e conseqüentemente em outros lugares, do ponto de vista antropológico para o filosófico. (HALLIDAY, 1994, p. xxviii, tradução nossa)²⁴

Mesmo que a retórica de Halliday afirmasse que sua oposição teórica se dava em realidade numa chave epistemológica (abordagem sintagmática vs. abordagem paradigmática), a referência à figura de Chomsky reiterava a conhecida disputa entre os funcionalistas e gerativistas. Na oposição a Chomsky, havia

²⁴ No original: “He seems to have been unaware of, or perhaps just uninterested in, the ethnographic tradition in linguistics; his polemic was directed solely at those he was building on, referred to as ‘structuralists’. By generative he meant explicit: written in a way which did not depend on the unconscious assumptions of the reader but could be operated as a formal system. [...] But you have to pay a price: the language has to be so idealized that it bears little relation to what people actually write – and still less to what they actually say. [...] There was no ‘Chomsky revolution’, as has been somewhat sensationally claimed; but new questions were explored, and this led to a shift of emphasis, in the United States and consequently elsewhere, from the anthropological to the philosophical standpoint”.

traços de um ataque mais direto, incomum no discurso que Halliday adotou em grande parte de sua Introdução (mais afeita a uma suposta imparcialidade dos textos didáticos). A caracterização feita à atitude do linguista (“não ter tomado ciência de certos estudos”) pesava a mão na crítica, pois sabemos todos da força negativa que uma construção textual como a empregada representa quando se trata da atividade e do conhecimento científicos. A tal ponto que Halliday negava a tão alegada revolução chomskiana. Ruptura explícita com uma tradição de pesquisa que era oposta ao seu modo de compreender o estudo da linguagem.

A comparação entre os dois programas, dessa maneira, servia a múltiplos propósitos. Halliday enfatizava a produtividade, a atualidade e a praticidade como traços do funcionalismo, e posicionava a tradição formal, especialmente o gerativismo, em uma perspectiva anacrônica. A mensagem era a de que a tradição de estudos gramaticais de linhagem formal seria fruto de uma época quando se precisava mutilar o objeto de estudo para pesquisá-lo, com premissas de pesquisa ultrapassadas, que servira a seu propósito, mas que possuía limitações fatais para dar conta de outros aspectos da língua.

O reposicionamento do debate foi marcante, pois tais declarações contrastavam em demasia com a avaliação de historiadores sobre o impacto do gerativismo no século XX e a influência do pensamento de Chomsky e outros linguistas herdeiros da teoria gerativa.

Na retórica de Halliday houve também o uso do argumento da finalidade (o valor de algo depende de seus propósitos finais). Não se tratava de uma teoria de torre de marfim sem aplicação concreta e visível (posição que implicitamente recusava a imagem simbólica de cientificidade proclamada pelo programa gerativista), mas de algo que pudesse impactar na maneira como o leitor lidaria com textos falados e escritos. Os exemplos de aplicabilidade da gramática funcional fizeram parte da estratégia de convencimento adotada pelo funcionalista: cursos para professores de língua inglesa; outros interesses educacionais que incidiam sobre uso da língua; aplicações da linguística em áreas como estudos de patologias, inteligência artificial e planejamento linguístico.

O teste de uma teoria da linguagem, em relação a qualquer propósito, é: ela funciona? Ela facilita a tarefa em demanda? Geralmente há uma troca entre abrangência contra profundidade: nós precisamos tanto de máquinas altamente especializadas que vão realizar uma tarefa perfeitamente e máquinas menos especializadas que farão uma ampla gama de atividades efetivamente sem ser a

alternativa mais econômica e eficiente para qualquer uma das tarefas (HALLIDAY, 1994, p. XXX tradução nossa).²⁵

Halliday ainda ressaltou traços da praticidade do seu programa, e das várias aplicações que são defendidas como possíveis usando a gramática funcionalista. Halliday cita os fins educacionais que a gramática funcionalista pode ajudar. Esse posicionamento discursivo encontrava respaldo em sua própria experiência na docência e pesquisa em linguística aplicada, pois, em sua trajetória profissional, Halliday atuou em cursos de pós-graduação (como os que ministrou na Universidade de Sidney) que objetivavam reflexões sobre a prática docente.

[As aplicações educacionais] provavelmente [constituem] a área com a maior abrangência de aplicações; ela inclui experiência em alfabetização inicial, escrita de crianças, língua na educação secundária, análise de discurso em sala de aula, ensino de língua estrangeira, análise de manuais, análise de erros, ensino de literatura e educação de professores (HALLIDAY, 1994, p. XXX tradução nossa).²⁶

Mais uma vez, o argumento de que se tratava de um programa útil, que dialogava com fins práticos, serviria de evidência dos benefícios da pesquisa aplicada em linguística, sob o viés do funcionalismo. O jogo argumentativo se construía em torno do argumento do existente (a superioridade do que é real, factível), ao mesmo tempo em que de modo implícito negava possíveis valores sociais a um programa como o da Gramática Gerativa, que reconhecidamente se afastava, em suas proposições teóricas, de preocupações de tal natureza.

Essa caracterização também interpelava o leitor a olhar favoravelmente a gramática funcionalista, porque ser contra o programa seria ir na contramão da possibilidade de auxiliar nos fins sociais citados. Ou seja, a aplicabilidade social da ciência apelava para o senso de justiça do leitor para que este, no mínimo, visse o programa funcionalista com simpatia. Tratava-se da interpelação

²⁵ No original: “The test of a theory of language, in relation to any particular purpose, is: does it go? Does it facilitate the task in hand? There is usually a trade-off of breadth against depth: we need both highly specialized machines that will do just one job perfectly and less specialized machines that will do a broad range of jobs effectively without being most efficient or economical for any one”.

²⁶ No original: “This last [the educational applications] [area] is probably the broadest range of its applications; it includes experience in initial literacy, children’s writing, language in secondary education, classroom discourse analysis, teaching of foreign languages, analysis of textbooks, error analysis, teaching of literature and teacher education”.

do público pelo *pathos* do destinatário, não exprimindo sentimentalismo, mas suscitando a emoção de contribuição e adesão do outro via discurso.

Ao relacionar a defesa do programa funcionalista a benefícios à sociedade, o autor tocava afetividades e emoções dos leitores. Halliday colocava o público receptor em certa disposição para aceitar com mais facilidade as premissas do programa de pesquisa, trabalhando o *pathos* dos leitores em termos positivos. Na era da necessidade de aplicação de conhecimentos teóricos, a retórica de Halliday incidia diretamente nos anseios sociais de valoração dos saberes produzidos nas universidades.

Na seção sobre “Teorias de Linguagem”, Halliday elaborou sua narrativa sobre um percurso da história da linguística, negando a ênfase historiográfica na ruptura entre formalismos e funcionalismos. Ao reposicionar o debate, o autor redefinia os parâmetros e os termos de comparação das vantagens e das desvantagens de programas de investigação na linguística.

[...] a oposição básica, nas gramáticas da segunda metade do século vinte, não é entre ‘estruturalista’ e ‘gerativista’ como foi posta em debates públicos da década de 1960. Existem muitas variáveis segundo as quais as gramáticas são escritas, e qualquer agrupamento dessas opções vai distorcer o quadro geral; mas a oposição fundamental é aquela entre as gramáticas principalmente sintagmáticas na orientação (no geral as gramáticas formais, com raízes na lógica e na filosofia) e aquelas que são principalmente paradigmáticas (no geral as gramáticas funcionalistas, com raízes na retórica e na etnografia) (HALLIDAY, 1994, p. xxviii, tradução nossa).²⁷

O quadro geral da linguística foi retratado, por Halliday, como necessitando de uma inovação teórica, a qual o funcionalismo viria a preencher a demanda. Segundo o autor, a linguística do século XX experimentaria uma pluralidade teórica na qual muitas vezes o velho vinha em embalagem nova apenas. Por posicionamentos retóricos como esse, o autor invalidava contribuições das teorias rivais no século XX, apontadas como ultrapassadas em suas concepções

²⁷ No original: “The basic opposition, in grammars of the second half of the twentieth century, is not that between ‘structuralist’ and ‘generative’ as set out in the public debates of the 1960s. There are many variables in the way grammars are written, and any clustering of these is bound to distort the picture; but the more fundamental opposition is between those that are primarily syntagmatic in orientation (by and large the formal grammars, with their roots in logic and philosophy) and those that are primarily paradigmatic (by and large the functional ones, with their roots in rhetoric and ethnography)”.

e inadequadas frente aos problemas da linguística contemporânea. Sendo que o funcionalismo seria o programa com as novidades necessárias.

Nesse texto introdutório, a retórica de Halliday se manifestou em uma linguagem (concretizada na seleção lexical e no tom discursivo utilizado) que recusou para si o confronto direto com outros programas de investigação. As descontinuidades que se marcaram com a concepção formalista de linguagem se deram essencialmente na base de implícitos presentes na construção argumentativa. Não se encontrará na retórica de Halliday palavras ou expressões de ataque frontal a nenhuma abordagem linguística. Sem dúvida, a esse comedimento verbal se associava a imagem de uma cientificidade neutra, simulacro que tão bem responde aos anseios científicos de objetividade e transmissão de verdades incontestáveis. Uma pesquisa posterior deverá, em contraponto com retóricas de outros linguistas, observar se a esse comedimento linguístico e discursivo corresponderia um traço cultural britânico, distinto, por exemplo, daquelas características de um discurso mais agressivo adotado pelos norte-americanos em busca de legitimidade de suas ideias linguísticas.

Conclusão

A linguística do século XX caracterizou-se como uma ciência plural, dividida em diferentes programas de investigação praticados por pesquisadores circunscritos a diferentes grupos teóricos²⁸. Essa efervescência científica relacionava-se também com o período em que, a partir da segunda metade dos anos 1900, linguistas alcançaram a legitimidade de suas práticas acadêmicas. Isso se deu via institucionalização da ciência da linguagem, traduzida em um campo de atuação prestigioso, em estabelecimentos de centros de pesquisa e ensino principalmente tendo como foco difusor de teorias a Europa e os EUA.

Essa dimensão social (organização de departamentos em universidades, disciplinas em cursos de graduação e pós-graduação, cargos de docência e pesquisa, bolsas de estudo e pesquisa) encontrou respaldo na publicação cres-

²⁸ Em entrevista a Parret (1974, p. 114), Halliday delineou um panorama da linguística de sua época em que é evidente a divisão polarizada em diferentes grupos teóricos presentes na ciência da linguagem do século XX. Para ele, a linguística de sua época se dividia em duas grandes tradições. Uma representada pelos trabalhos de Hjelmslev, dos linguistas do Círculo de Praga, de Firth e da Escola de Londres, de Sidney Lamb e de Pike. Outra tradição corresponderia aos trabalhos de Bloomfield, Chomsky, que teriam originado, ainda, outra vertente presente nas abordagens de Lakoff e McCawley na semântica gerativa.

cente de manuais introdutórios, estudos monográficos (originados a partir de mestrados e doutorados), artigos em periódicos especializados, livros coletivos e anais de congresso. De fato, a linguística que chegou ao final da segunda metade do século XX foi uma ciência estabelecida intelectual e institucionalmente.

Uma ciência que também experienciou (como ainda é sua realidade) uma destacada pluralidade teórica. Os pesquisadores se dividiram em diferentes (e muitas vezes opostos) programas de investigação. Se à institucionalização coube o estabelecimento de aspectos sociais que ajudaram a formatar um cenário para a prática da linguística contemporânea, aos diversos grupos teóricos coube o papel da busca por legitimidade científica. Uma questão institucional que se refletiu em debates e rupturas no plano intelectual, no qual linguistas se enfrentaram em verdadeiras “guerras linguísticas” (para usar expressão já clássica cunhada por R.A. Harris no livro *The Linguistics Wars*, de 1993).

Nessa fórmula, a autonomia e legitimação científicas vieram acopladas à noção de sucesso e repercussão, índices que marcaram a aceitação (ou não) de um programa teórico. Halliday e sua retórica de defesa do programa funcionalista responde a essa demanda social e científica de sua época.

Observar a história da linguística a partir de uma análise das retóricas estabelecidas pelos pesquisadores em busca da legitimação de propostas teórico-metodológicas recupera o aspecto humano da ciência. Aspecto quase sempre apagado pelo efeito de sentido de verdade e objetividade científicas.

Cabe ao historiógrafo resgatar essa dimensão da elaboração, circulação e recepção de ideias linguísticas. Exatamente no espírito do que Alan G. Gross nos alertava em *The rhetoric of science*, de 1990: ainda que a prática científica não seja uma arte da oratória, ela é, sem dúvida, um empreendimento retórico e como tal apresenta como uma de suas essenciais funções a da persuasão. Assim, onde houver ciência, haverá o cientista. Figura humana que em essência está em constantes embates para ter seu espaço social reconhecido e legitimado.

Referências

- BATISTA, Ronaldo de Oliveira. Retórica de ruptura e descontinuidade nas ciências da linguagem: um estudo pela historiografia linguística. **Confluência**. Rio de Janeiro: Linceu Literário Português, n.49, p.119-141, 2015.
- BATISTA, Ronaldo de Oliveira. A Historiografia da Linguística e a *retórica* dos linguistas: a força das palavras e seu valor histórico. **Filologia e Linguística Portuguesa**. São Paulo: Universidade de São paulo, n. 18, v.2, p. 301-317, 2016,.
- BATISTA, Ronaldo de Oliveira. Forma vs. Função na história da linguística brasileira: debates e retórica de ruptura – uma interpretação pela Historiografia da Linguística. **Confluência**. Rio de Janeiro: Linceu Literário Português, n. 52, p. 9-32, 2017,.
- BATISTA, Ronaldo de Oliveira. Semântica vs. Pragmática na história da linguística brasileira: debate e retórica de ruptura. **Línguas & Letras**. Cascavel: Unioeste, v. 19, n. 43, p. 20-39, 2018^a.
- BATISTA, Ronaldo de Oliveira. “A cada um convém uma coisa”: debate e polêmica em torno da sociolinguística paramétrica na história da linguística brasileira. **Alfa**. São José do Rio Preto: Unesp, v. 62, n. 2, p. 255-276, 2018b,.
- BATISTA, Ronaldo de Oliveira. Historiografia da Linguística e um quadro socio-retórico de análise. In: BATISTA, Ronaldo de Oliveira (org.). **Historiografia da linguística**. São Paulo: Contexto, 2019.
- GROSS, Alan G. **The rhetoric of science**. Cambridge/Massachusetts: Harvard University Press, 1990.
- HALLIDAY, M.A.K. **An introduction to functional grammar**. 2 ed. London: Edward Arnold, 1994.
- HALLIDAY, M.A.K. Systemic Theory. In: KOERNER, E.F.K.; ASHER, R.E. (eds.). **Concise history of the language sciences: from sumerians to the cognitivists**. Oxford: Pergamon, p. 272-276, 1995.
- HARRIS, Randy Allen. **The Linguistics wars**. New York/Oxford: Oxford University Press, 1993.
- MURRAY, Stephen. **Theory groups and the Study of Language in North America**. A social history. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins: 1994.
- NEVES, Maria Helena de Moura. Uma visão geral da Gramática Funcional. **Alfa**. São José do Rio Preto: Unesp, v. 38, p. 109-127, 1994.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

- PARRET, Herman. **Discussing language**: dialogues with Wallace L. Chafe, Noam Chomsky, Algirdas J. Greimas, M.A.K. Halliday, Peter Hartmann, George Lakoff, Sidney M. Lamb, André Martinet, James McCawley, Sebastian K. Saumjan, and Jacques Bouveresse. The Hague/Paris: Mouton, 1974.
- PAVEAU, Marie-Anne; SARFATI, Georges-Élia. **As grandes teorias da linguística**: da gramática comparada à pragmática. Trad. brasileira coord. por Rosário Gregolin. São Carlos: Claraluz, 2006.
- SWIGGERS, Pierre. Linguistic Historiography: a metatheoretical synopsis. **Todas as Letras**: Revista de Língua e Literatura, São Paulo, v. 2, n. 19, p. 73-96, 2017,.
- ZIMAN, John. **O conhecimento público**. Trad. de Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

Recebido em 25 de fevereiro de 2019.

Aceito em 29 de março de 2019.